



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SÃO BERNARDO**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA**

**MARCELO SILVA LOPES**

**RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: Uma análise dentro e fora de campo**

**SÃO BERNARDO-MA**

**2026**

**MARCELO SILVA LOPES**

**RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO:** Uma análise dentro e fora de campo

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas - Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas - Sociologia.

**Orientação:** Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira.

SÃO BERNARDO-MA

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Lopes, Marcelo.

Racismo no futebol brasileiro : uma análise dentro e  
fora de campo / Marcelo Silva Lopes. - 2026.  
29 f.

Orientador(a): Ana Caroline Amorim Oliveira.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade  
Federal do Maranhão, São Bernado-ma, 2026.

1. Racismo No Futebol. 2. Futebol Brasileiro. 3.  
Futebol e Sociedade. I. Amorim Oliveira, Ana Caroline.  
II. Título.

## **MARCELO SILVA LOPES**

**RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO:** Uma análise dentro e fora de campo

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas - Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas - Sociologia.

**Orientação:** Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira.

Aprovada em: 30/01/2026

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira –  
UFMA Universidade Federal do Maranhão -  
UFMA Orientador (a)

---

Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio – UFMA  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA  
Examinador (a)

---

Prof. Dr. Thiago Pereira Lima – UFMA  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA  
Examinador (a)

## **RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: Uma análise dentro e fora de campo**

Marcelo Silva Lopes

**RESUMO:** O presente trabalho analisa sociologicamente o racismo no futebol brasileiro, caracterizando-o como um fenômeno social e cultural que reflete as estruturas presentes na sociedade brasileira. Partindo de sua criação até a sua chegada em território nacional, o futebol transformou-se em mais uma ferramenta de dominação da elite. Com isso, sob a perspectiva de autores como: Livia Gonçalves (2010), DaMatta (1982), Bourdieu (1989; 2009) e Silvio Almeida (2019), conclui-se que o racismo no futebol brasileiro é um reflexo direto das desigualdades raciais que estruturam a sociedade brasileira desde o período da escravidão.

**PALAVRAS-CHAVES:** Racismo no futebol; Futebol brasileiro; Futebol e Sociedade.

**ABSTRACT:** The present study sociologically analyzes racism in Brazilian football, characterizing it as a social and cultural phenomenon that reflects the structures present in Brazilian society. From its origins to its introduction into Brazil, football became another tool of elite domination. From the perspective of authors such as Livia Gonçalves (2010), DaMatta (1982), Bourdieu (1989, 2009), and Silvio Almeida (2019), it is concluded that racism in Brazilian football is a direct reflection of the racial inequalities that have structured Brazilian society since the period of slavery.

**KEYWORDS:** Racism in football; Brazilian football; Football and society.

## **AGRADECIMENTOS**

De forma rápida e direta, agradeço primeiramente a Deus, por guiar meus passos e me ajudar na minha jornada ao longo deste curso.

Tenho um forte agradecimento pela minha família. Minha mãe, Carlíce Carvalho, meu pai Francisco das Chagas, minha avó, Lucineide Carvalho e minha irmã, Maria Vitória, por sempre estarem me apoiando, ajudando-me e dando-me força em todos os momentos que eu precisei. Amo vocês. Agradeço também a minha prima Larissa Silva, por ter muita paciência comigo e ter me ajudado no começo do curso.

Não posso esquecer de agradecer aos meus amigos que estiveram ao meu lado durante todo esse tempo. Um agradecimento especial a Maria Vitória, Sofia Ferreira, Mila Sales, Bernardo Almeida, Sharle Ferreira, Leylson Mendonça, Gleissa Rodrigues, Francisca Neurilene, Ronaldo, Maria Clara e Elane.

Para finalizar, agradeço a todos os professores da UFMA de São Bernardo-MA ao qual eu pude ter o prazer de receber os seus conhecimentos. Mas deixo aqui um agradecimento especial a professora Ana Caroline Amorim Oliveira, por ter me auxiliado na produção deste trabalho.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                      | <b>9</b>  |
| <b>1.UM FENÔMENO CULTURAL E SOCIAL CHAMADO FUTEBOL</b> | <b>11</b> |
| <b>2.AS FORMAS SUTIS DO RACISMO NO FUTEBOL</b>         | <b>17</b> |
| <b>3.CASOS DE RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO</b>        | <b>22</b> |
| <b>CONCLUSÃO</b>                                       | <b>25</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                     | <b>26</b> |

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 Escudo do Sport Club Corinthians Paulista  | 16 |
| Figura 2 Escudo do Club de Regatas Vasco da Gama  | 16 |
| Figura 3 Torcedora do Grêmio chama goleiro Aranha de macaco   | 23 |
| Figura 4 Casos de racismo no futebol brasileiro (estádios, internet e outros espaços)                     | 24 |
| Figura 5 Regiões com maiores ocorrências de racismo no futebol brasileiro                                 | 24 |
| Figura 6 Identificação étnico-racial dos treinadores das séries A e B dos campeonatos brasileiros de 2024 | 25 |

## INTRODUÇÃO

Atualmente, o futebol faz parte da cultura de vários países e junta culturas diferentes do mundo todo em um só lugar, dentro de campo. O nosso futebol é conhecido mundialmente, o Brasil é conhecido como o “país do futebol”. Vimos o surgimento de várias figuras importantes, como o nosso intitulado “rei do futebol” Pelé<sup>1</sup>.

O futebol é um esporte não muito complexo, no qual se é utilizado uma bola e praticado predominantemente com os pés, com exceção do goleiro que utiliza as mãos para defender o seu gol, no qual dois times, cada um com 11 jogadores, disputam em um espaço limitado por quatro linhas e com suas regras, que tem o único objetivo de marcar gols no adversário.

Criado na Inglaterra, o futebol que conhecemos hoje, mais do que um simples esporte, é um grande fenômeno social e cultural. Tornou-se capaz de influenciar a economia, a política e as relações sociais dos países ao qual tem grande reconhecimento. Em muitos países, especialmente no Brasil, ele faz parte da vida de muitas pessoas e ocupa um lugar importante na formação cultural da população.

Contudo, um esporte que deveria ser um exemplo social de igualdade e respeito devido a sua grande proporção, se tornou um lugar de desrespeito e atos racistas. Dessa forma, como um amante do futebol que vem presenciando esses casos de racismo, surge uma inquietação de entender o motivo por trás desses atos criminosos.

O futebol pode ser analisado de uma forma mais profunda na sociedade além de ser visto apenas como algo voltado para o entretenimento. Mais que entretenimento, o futebol se tornou um esporte onde questões de poder se manifestam dentro das quatro linhas e fora delas. Assim, estudar o racismo no futebol, através da Sociologia e da Antropologia, ajuda a compreender como o racismo se tornou presente nesse esporte e se manifesta nele.

---

<sup>1</sup> “A Majestade da Bola balançou as redes incríveis 1.282 vezes em 1.364 jogos, números que o fizeram assumir o trono do esporte, com seus lances de gênio, gols memoráveis e domínio completo dos fundamentos. Pela Amarelinha, foram 113 partidas, 84 vitórias, 15 empates e 14 derrotas e 95 gols, trajetória que durou de 1957 a 1971. Ao longo dos 14 anos, conquistou os títulos das Copas do Mundo de 1958 - nesta com 17 anos de idade -, 1962 e 1970, da Copa Roca em 1957 e 1963, da Taça do Atlântico em 1970, da Taça Oswaldo Cruz em 1958, 1962 e 1968 e da Taça Bernardo O’Higgins em 1959.” (Confederação Brasileira de Futebol, 2024).

O presente trabalho será realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, baseando-se em uma revisão bibliográfica sobre o tema. Obras como *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol* (2006) de DaMatta, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982) de DaMatta, *Histórias do futebol* (2010) de Livia Gonsalves, que ajudam a compreender mais profundamente a sociologia do futebol, além das obras *Racismo Estrutural* (2019) de Silvio Almeida, *O poder simbólico* (1989) e *O senso prático* (2009) de Bourdieu, que ajudam a compreender a organização social. Dentre outros textos presente neste trabalho, que serão utilizados em conjunto para essa análise sobre a presença do racismo no futebol brasileiro, como os relatórios anuais divulgados pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol que nos traz dados sobre os casos de racismo que ocorreram no mundo desde 2014.

A pesquisa tem como objetivo principal analisar sociologicamente as situações de racismo no futebol brasileiro. Será dividida em três sessões. Na primeira sessão iremos compreender a história do futebol brasileiro como um fenômeno social e cultural a partir dos marcadores sociais de raça/etnia e classe social, abordará a história do futebol como um fenômeno social e cultural.

Na segunda sessão, identificamos os sentidos do racismo no futebol através de uma análise teórica fundamentada principalmente nos conceitos drama social de DaMatta, violência simbólica e *habitus*, de Pierre Bourdieu, e de racismo estrutural, de Silvio Almeida. Esses conceitos serão utilizados para compreender como o racismo se manifesta de forma naturalizada dentro do futebol e como ele está presente nas estruturas do esporte, indo além de ações individuais, dificultando a entrada do negro em cargos de alta importância.

Na terceira e última sessão, a pesquisa será finalizada com uma análise dos casos de racismo no futebol brasileiro. Durante a revisão bibliográfica serão analisados artigos acadêmicos, livros e sites especializados. Será utilizado ferramentas como a internet como apoio para a obtenção desse referencial bibliográfico, através de sites como o Google Acadêmico e outros sites que disponibilizam dados referentes aos casos de racismo ocorridos no futebol brasileiro.

Livia Gonçalves (2010), DaMatta (1982), Bourdieu (1989, 2009) e Silvio Almeida (2019), serão utilizados como embasamento teórico para ajudar na compreensão desse preconceito racial que persiste em ocorrer no futebol. Tal referencial teórico ajudará a interpretar o futebol como um fenômeno social e cultural,

se tornando um reflexo da sociedade brasileira, sendo um espaço de reprodução simbólica e estrutural de violência.

## 1. UM FENÔMENO CULTURAL E SOCIAL CHAMADO FUTEBOL

Esta seção tem como objetivo compreender o futebol brasileiro a partir de sua formação histórica, analisando o mesmo como um fenômeno social e cultural marcado por relações de classe e raça. Dessa forma, será discutido a criação do futebol e sua chegada ao Brasil.

O futebol. Ah! O futebol. Um esporte simplesmente apaixonante. Ir ao estádio ou sentar no sofá de casa para assistir e torcer loucamente para o seu time do coração, “esse torcer que é para todos nós um ato que envolve muita magia e que é maior que o amor.” (DaMatta, 2006, p.43).

Para termos uma melhor noção da dimensão desse esporte, quando falamos em quantas pessoas gostam de futebol no Brasil e mundialmente, é difícil chegar em uma porcentagem exata, pois pode variar dependendo da metodologia ou do período em que foi realizada a pesquisa. Mas, segundo Rydlewski (2022), em uma matéria divulgada pelo portal de notícias Metrôpolis, 35% dos brasileiros dizem gostar muito de futebol, 25% gostam mais ou menos, 16% têm pouco interesse e 22% afirmam que não gostam do esporte. Um estudo divulgado pelo Kantar IBOPE Media (2022), que é uma grande empresa líder na medição de audiência e dados de mídia, *insights* e consultoria sobre consumo, desempenho e investimento de mídia na América Latina, evidenciou que cerca de 68% da população brasileira que possuem acesso à internet são fãs de futebol.

A paixão pelo futebol não se limita apenas ao Brasil, pelo contrário, segundo outro relatório divulgado pela Nielsen (2025), atualmente, o futebol é o esporte mais popular do mundo, com cerca de 51% de fãs espalhados por todo o mundo. Podemos observar a partir desses dados que uma quantidade significativa da população brasileira e mundial tem interesse nesse esporte.

DaMatta (2006), destaca a importância de cada objeto e membros que ao futebol fazem. Mas o autor não se limita apenas a esses pontos, DaMatta (2006), nos apresenta uma abordagem mais profunda do futebol na sociedade brasileira.

O incrível sucesso mundial do futebol, um processo no qual o Brasil contribuiu decisivamente, reflete-se inevitavelmente entre nós. Reconsiderem, tomando um analgésico, a vitória sobre o time de Honduras. O que não conseguimos ler no episódio é precisamente aquilo que levou o futebol a ser adotado por todos os países marginalizados de todo mundo: o velho e maravilhoso drama da vitória do fraco, do pequeno, do aprendiz, do novo, do preto e do pobre contra o forte, o grande, o mestre, o velho, o branco e o rico! (DaMatta, 2006, p.107)

O autor acima citado destaca a importância do futebol para a criação de um patriotismo brasileiro. “Os campeonatos mundiais que conquistamos obrigaram a juntar civismo burguês e carnaval; jogo e crença religiosa oficial; magia e igreja; investimento capitalista e amor pelo Brasil.” (DaMatta, 2006, p. 111). Magalhães (2010) acrescenta que esse esporte é um importante elemento cultural e de identidade nacional. Essa magia, esse amor à camisa, criaram esse senso de pertencimento a uma nação.

A chegada desse esporte ao Brasil trouxe uma mudança para a sociedade brasileira. De acordo com DaMatta:

Foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e de igualdade. Não foi, então, através da escola, do jornal, da literatura ou Parlamento e de algum partido político que o povo começou a aprender a praticar a igualdade e a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de Futebol. (DaMatta, 2006, p.142-143)

O autor mostra como a democracia e a hierarquia social brasileira foram moldadas, com o tempo, pelo futebol. “O fato iniludível é que o futebol entrava em conflito com valores tradicionais” (DaMatta, 2006, p.141). Em um país dividido por classes sociais e desigualdade racial, o futebol trouxe consigo regras em que, dentro das quatro linhas, o rico e o pobre, o branco e o negro, se tornaram iguais perante essas regras.

Ademais, DaMatta (2006), afirma que, no Brasil, durante o período da escravização (1535-1888), o corpo negro com seu físico forte que era voltado para a mão de obra escrava, era visto como símbolo de inferioridade. Enquanto o senhor branco, com seu corpo sedentário e descansado, era visto como símbolo de poder. Esses valores mudaram completamente com a chegada do futebol. O físico forte do corpo negro começou a ser visto como indispensável para a prática do esporte. A partir desse ponto, o negro começou a ser valorizado na sociedade brasileira.

O presente autor nos mostra uma visão realmente mágica do futebol. Contudo, atualmente, um esporte com tamanha dimensão, onde, torcedores e jogadores do mundo todo, de diversas etnias, diversas culturas, diversos gêneros e religiões, poderia ser um grande exemplo de respeito e inclusão. Entretanto, não é isso que observamos após analisarmos determinadas pesquisas.

“Temos visto, ao longo dos anos, sucessivos casos de racismo no esporte em todo o mundo, o que coloca em xeque a ideia de que há uma democracia racial nesse campo” (Silva; Paula, 2020, p.3). De acordo com o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol <sup>2</sup>(2024), entre 2014 e 2023, aconteceu um aumento percentual nos casos de racismo no futebol.

Aqui entramos na problemática desta pesquisa. Como pode um esporte que, para DaMatta e outros autores, se tornou símbolo de democracia, de cultura e mudança social no Brasil, ser um espaço onde ocorrem vários atos de discriminação racial? Para compreendermos o racismo no futebol, primeiro temos que compreender sua história e sua chegada em território nacional.

De acordo com Magalhães (2010), o futebol moderno, com as regras que conhecemos hoje, nasceu na Inglaterra. Surgiu em meio a classe operária, em plena Revolução Industrial. O futebol de início não tinha regras, era muito violento e era praticado em todos os locais públicos. Os operários usavam o futebol como uma forma de expressar sua insatisfação em relação a sua exploração naquele momento histórico.

“Tamanha era a violência que até a primeira década do século XIX era proibido pelo Estado inglês. Foi exatamente para controlar as classes mais baixas e a violência do jogo que se impôs regras ao futebol” (Magalhães, 2010, p. 14). O futebol, que nasceu como expressão da classe operária, foi apropriado pela elite britânica após perceberem que o mesmo poderia ser utilizado para disciplinar, de forma sutil, a classe operária.

Os trabalhadores começaram a ser ensinados a não praticarem violência, a seguirem e não desrespeitarem regras, o que era indispensável para a indústria capitalista naquele momento. As regras existentes no futebol que aparentemente

---

<sup>2</sup> O Observatório da Discriminação Racial no Futebol, até o momento em que essa pesquisa está sendo realizada, não divulgou os dados de 2024 e 2025.

tornam todos iguais, surgiram no esporte apenas como mais uma forma de alienação da classe dominante.

No Brasil, o futebol chegou primeiramente a São Paulo, no ano de 1895, no final do século XIX, através de Charles Miller, conhecido como “pai do futebol Brasileiro”. O país, que buscava uma nova forma de governo, logo após a Proclamação da República de 1889, começaria a buscar sua nova identidade nos modelos das grandes elites europeias. O futebol, posteriormente, foi adotado como parte desse processo, assim como afirma Magalhães (2010). Ademais:

Naquela época, São Paulo era uma cidade que recebia, além de muitos imigrantes, um grande afluxo de capital externo. Os ingleses eram uma importante parcela desses investidores e, em sua maioria, eram membros das classes média e alta, diferentemente da maioria imigrante que chegou para trabalhar a princípio nas fazendas de café e depois nas novas indústrias. Foram aqueles também os primeiros jogadores de futebol, esporte que se disseminou rapidamente pela elite paulistana, tornando-se mais um espaço de confraternização entre a elite inglesa e a cafeeira. (Magalhães, 2010, p. 14).

Diferente de seu berço, o esporte bretão foi introduzido no Brasil como um entretenimento que apenas a elite brasileira tinha acesso. “E enquanto estivesse nas mãos das classes mais altas, o caráter amador do esporte seria mantido, a fim de manter, assim, sua restrição a poucos” (Magalhães, 2010, p.14).

O fato de a história do Brasil está manchada pelo período da escravidão, que mesmo após a sua abolição em 1888, o preconceito contra o negro ainda continuou muito presente na sociedade, isso ligado a chegada do futebol em território nacional, reforçam os atos de racismo dentro do esporte. Assim como afirmam Silva e Paula:

O sujeito negro enfrenta, ao longo da história, a dificuldade de garantir seus direitos e a construção e afirmação de suas subjetividades sem uma conotação pejorativa. Há diversos fatores que levam a tal dificuldade, mas estão ligados à construção histórica do Brasil, que tem uma construção cultural e ideológica que rebaixa o negro. O tráfico negreiro e a escravidão, como já contextualizado neste estudo, reafirmam essa ideia. (Silva; Paula, 2020, p.10).

Por ser inicialmente um esporte da elite branca e, devido ao contexto histórico da escravidão, o negro, considerado inferior na sociedade, não tinha o direito de estar

presente no futebol, os times por muito tempo foram proibidos de incluí-los em seus elencos. Isso só se tornou possível após a democratização do futebol<sup>3</sup>.

O futebol demorou a se tornar o esporte democrático que ele é atualmente. “O fato é que, já no início do século XX, as elites perdiam o controle sobre o futebol.” (Magalhães, 2010, p.14), permitindo o acesso as classes mais baixas do país e, principalmente, aos negros.

Magalhães (2010) destaca três times importantes para esse processo de democratização do futebol: The Bangu Athletic Club, criado por trabalhadores ingleses, Sport Clube Corinthians Paulista e o Vasco da Gama. Corinthians e Vasco<sup>4</sup> entram como destaque importante nesse processo de permitir o acesso do negro ao esporte.

O clube paulista, Corinthians, foi fundado por operários em 1910. Criado como “time do povo”, trazia com sua criação democracia, respeito e inclusão, um pensamento revolucionário no futebol naquele momento. O time tinha como objetivo incluir jogadores negros, imigrantes e operários em seu elenco. Não se limitando apenas ao futebol, o Corinthians foi de grande importância para a volta da democracia no Brasil durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), com a famosa “Democracia Corinthiana”<sup>5</sup>, fez um grande movimento contra o regime autoritário da época.

---

<sup>3</sup> Depois de muita luta e pressão social, a democratização do futebol ocorreu entre os anos 1910 a 1930, quando o esporte deixou de ser exclusivo da elite e passou a incorporar jogadores negros, operários e imigrantes, assim como afirma Magalhães (2010).

<sup>4</sup> De acordo com a FIFA (2023), Corinthians e Vasco protagonizaram a final da primeira edição da Copa do Mundo FIFA de Clubes no ano de 2000.

<sup>5</sup> “Em meio ao desgaste da ditadura militar e a ascensão do pensamento democrático, o Corinthians foi pioneiro. Criou um movimento que prezava pela democratização das resoluções administrativas do clube. Assim, diretor e roupeiro tinham o mesmo poder de decisão. Com a eleição de Waldemar Pires à Presidência, o Corinthians viveria novos tempos. Somando-se os maus resultados da temporada de 1981, a saída do presidente Vicente Matheus e o anseio pela liberdade no período da redemocratização da política brasileira, o cenário era mais do que favorável. Sob o slogan de Democracia Corinthiana, criado pelo publicitário Washington Olivetto, o clube entrava de vez numa experiência revolucionária para o meio futebolístico. O então presidente Waldemar Pires nomeou o jovem sociólogo Adílson Monteiro Alves como diretor de futebol. Inexperiente como cartola, o novo dirigente deu voz a jogadores politizados como Sócrates, Wladimir e Casagrande. No que diz respeito às atitudes dos próprios atletas, o movimento provou a importância do engajamento de ídolos das grandes massas. Além de combater o conservadorismo que regia os clubes brasileiros, os líderes da Democracia Corinthiana se tornaram porta-vozes da liberdade de expressão no país. A Democracia Corinthiana ocorreu em meio às manifestações populares pelas Diretas Já. Sócrates e outros jogadores corinthianos participaram de comícios em favor das eleições diretas à Presidência da República e outros cargos. Nos jogos, o time entrava em campo ostentando, nas camisas, mensagens de incentivo ao voto e à participação política.” (Sport Club Corinthians Paulista, 2014).

**Figura 1:** Escudo do Sport Club Corinthians Paulista



**Fonte:** Site oficial do Sport Club Corinthians Paulista (2026)

O clube carioca, Vasco<sup>6</sup>, fundado em 1898, teve o primeiro presidente negro entre os times cariocas. Mas, além desse ponto importante, o que deu bastante visibilidade ao clube e aos negros no esporte, foi o fato de o clube ter ganhado, em 1923, o campeonato carioca com grande parte do seu time formado por negros e operários.

**Figura 2:** Escudo do Club de Regatas Vasco da Gama



**Fonte:** Site oficial do Club de Regatas Vasco da Gama (2026)

Dessa forma, ao analisarmos a história do futebol, vemos que o racismo está presente desde a sua origem. O futebol como fenômeno social e cultural se torna um reflexo da sociedade. Onde, mesmo em um ambiente que, atualmente, seria de paixão

---

<sup>6</sup> “Criado inicialmente como uma agremiação de remo por imigrantes portugueses, o Club de Regatas Vasco da Gama rapidamente se tornou um símbolo de resistência, inclusão e paixão esportiva. O futebol só passou a fazer parte da vida vascaína em 1915, mas foi o suficiente para que o clube ganhasse destaque no cenário carioca. Em 1923, o Vasco escreveu um dos capítulos mais importantes da história do esporte brasileiro ao conquistar o Campeonato Carioca com um time formado por negros e operários, rompendo barreiras sociais em uma época marcada por forte elitismo. A recusa da diretoria em ceder às pressões de outros clubes para excluir esses jogadores firmou a imagem do Vasco como pioneiro na luta contra o racismo no futebol.” (Confederação Brasileira De Futebol, 2025).

e democratização, se torna um lugar que mantém os mesmos preconceitos que o negro sofre desde o período da escravidão.

## **2. AS FORMAS SUTIS DO RACISMO NO FUTEBOL**

O racismo no futebol pode ser analisado de uma forma mais profunda do que um simples fenômeno isolado de cada pessoa. Dessa forma, nesta sessão, será analisado como o racismo se torna presente no futebol e como ele se manifesta neste esporte.

Entendendo o processo histórico, podemos ter uma visão mais ampla do racismo no futebol. O racismo contra o negro, mesmo após a abolição da escravidão e proibido pela Lei nº 7.716/1989 (BRASIL, 1989), ainda persistem na atualidade. Através de uma análise sociológica, no futebol, veremos que esse racismo continua de forma simbólica e estrutural.

“Hoje, no mundo globalizado em que muitos acreditam não haver mais lugar para o nacionalismo, cada vez mais vemos manifestações de violência e racismo entre torcedores e até entre jogadores”. (Magalhães, 2010, p.137). A autora afirma que um dos motivos para o crescimento do racismo no futebol, mesmo após o processo de democratização e inclusão do negro, se dá pelo fato do futebol ser adequado as práticas do capitalismo.

Depois de sua profissionalização, o futebol passou a exercer uma prática de compra e venda de jogadores. A imigração de jogadores aumentou a partir de 1980, grande parte desses jogadores são negros, vindos de regiões subdesenvolvidas, como a África. Contudo, isso só aumentou os casos de racismo no futebol, assim como afirma Magalhães (2010).

É algo contraditório, um esporte, no qual os clubes vem se empenhando, com o tempo, para torná-lo um esporte de grande inclusão, com jogadores negros tendo mais espaço de atuar pelos seus times, se tornar cada vez mais um espaço de discriminação racial. A partir desse ponto destacado, como o racismo ainda continua crescendo no futebol, mesmo com toda mudança que ocorreu no esporte desde sua chegada ao Brasil?

Analisando o futebol, assim como DaMatta (1982), não como apenas uma forma de entretenimento, um campo separado da sociedade, mas como uma parte pertencente a ela, podemos chegar em uma resposta para esse assunto. Pois “o jogo

está na sociedade tanto quanto a sociedade no jogo. Ambos se expressam mutuamente, sendo que suas relações são muito complexas” (Damatta, 1982, p. 16).

Ademais, “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (Damatta, 1982, p. 21). O autor analisa o esporte como um drama social, ao qual o Brasil dramatiza sua própria realidade. Para o presente autor, esse esporte se torna uma peça teatral onde a sociedade brasileira se revela, encenando seus desejos e conflitos.

Para DaMatta (1982), o futebol se torna um espaço social ritualizado, com suas próprias regras. Diferente da realidade brasileira, onde as regras são baseadas de acordo com uma hierarquia social, redigida por uma hierarquia de classes. No futebol, a partir do momento em que o juiz apita o jogo, as regras ali funcionam de forma igual para todos.

O presente autor também fala sobre a ideia de destino. O futebol depende muito de habilidade técnica, de força física e de muito treino. Conseqüentemente a equipe com o melhor preparo seria a vencedora. Mas não é assim que funciona, mesmo um time fraco consegue ganhar de um time com mais preparo, isso vai depender da sorte.

Até então, o futebol parece mesmo um espaço mágico. Contudo, por ser um reflexo da sociedade, os mesmos problemas sociais existentes do lado de fora das quatro linhas podem se manifestar dentro de campo. É aqui que o racismo entra em jogo. Nesse esporte, que aparentemente seria um meio de fuga da realidade, podemos observar os preconceitos, hierarquias e as desigualdades presentes fora dos campos.

Um grande exemplo pode ser visto na copa de 1950, na qual o Brasil presenciou a derrota para o Uruguai. DaMatta (1982), destaca como a culpa dessa derrota caiu sobre os negros que faziam parte da equipe naquele momento. Segundo o autor:

A derrota no futebol, assim, acabou reativando um velho modelo cultural pessimista, expresso no drama de uma sociedade que se acredita "racialmente impura". Eis aqui, numa fórmula grosseira, o drama que o futebol permitiu veicular, ressuscitando as velhas teorias racistas que são parte dominante da ideologia brasileira. (Damatta, 1982, p. 32.)

A ideia de destino aparece aqui em forma de racismo. Por ser um reflexo da sociedade, na busca de justificar a derrota, a culpa caiu sobre os jogadores negros,

vindo à tona o preconceito enraizado contra o negro que infelizmente faz parte da realidade brasileira.

Ademais, assim como afirma Magalhães (2010), a violência dentro do futebol aumentou com surgimento das torcidas organizadas e a rivalidade entre elas. Os participantes das torcidas organizadas se sentem como parte de um coletivo e veem o outro torcedor como inimigo. Em complemento, de acordo com DaMatta (1982), como já mencionado, por ser um espaço ritualizado, as pessoas agem de forma diferente nesse espaço, gritam, pulam, xingam e provocam os adversários por entenderem que aquele local funciona dessa forma.

Dessa forma, devido às fortes emoções presentes nesse local, algumas pessoas acabam extrapolando o limite do que pode e não pode ser feito. O racismo presente dentro desse espaço é encarnado ali devido às emoções corporais despejadas no mesmo, onde na vitória ou na derrota, os torcedores veem o estádio como um espaço em quem pode colocar para fora as desigualdades e conflitos presentes já existentes na sociedade.

Assim, entendendo o futebol como um reflexo da sociedade, podemos analisar o esporte através de outros autores. Bourdieu, com seus conceitos de violência simbólica e *habitus*, nos permite entender o racismo no futebol como um reflexo de uma estrutura simbólica presente na sociedade brasileira. Para o autor, a violência simbólica é uma:

Violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

Segundo Bourdieu (1989), existe um tipo de poder, o poder simbólico, onde os indivíduos utilizam desse poder para impor sua dominação sobre o outro. Se trata de um tipo de dominação sutil, sem uso da força, uma forma de violência que é naturalizada como normal.

Para o presente autor, o uso da violência simbólica tem como intuito manter uma hierarquia social, disseminada pela classe dominante, através da língua, da arte, da cultura, mídia, dentre outros espaços, durante todo um processo histórico que naturalizam e legitimam as desigualdades presentes na sociedade, mascarando essas relações de dominação.

Por isso, entender o processo histórico do futebol e do país é importante para entender o racismo presente no mesmo. O negro, historicamente é visto como inferior devido a escravidão. Mesmo com a implantação de leis que proíbem o racismo, os meios de legitimar esse tipo de violência contra essas pessoas apenas mudaram.

O racismo no futebol não aparece simplesmente do nada, ele é fruto de um pensamento racial histórico que foi incorporado nos torcedores antes mesmo de adentrar nesses espaços. Essa violência simbólica é legitimada pelo *habitus* presente na sociedade que torna a dominação natural. Para Bourdieu:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expreso das operações necessárias para alcançá-las, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (Bourdieu, 2009, p. 87).

De acordo com o presente autor, o *habitus* molda as formas de agir, pensar e sentir dos indivíduos e, conseqüentemente, molda toda a estrutura social de uma sociedade. O *habitus* vai sendo criado através das interações que o indivíduo absorve durante sua vida, através da cultura, educação, família, dentre outros espaços. Dessa forma, o pensamento racista e o privilégio do branco são introduzidos nos indivíduos devido a uma cultura racista já existente no Brasil desde o período da escravidão.

O racismo no futebol, atualmente, é legitimado através do *habitus* e da violência simbólica. No futebol brasileiro, historicamente racista, a cor da pele ainda é vista como símbolo de inferioridade. A violência física que o negro sofria durante o período da escravidão, se tornou simbólica.

Assim, ações como jogar banana em campo, como o caso ocorrido com o jogador Roberto Carlos de acordo com o UOL (2011), chamar jogadores de macaco, como ocorrido com o jogador Vinicius Junior de acordo com a ESPN (2024), foi sendo naturalizado como apenas uma forma de “brincadeira”, de “rivalidade” entre os torcedores. O *habitus* racista do indivíduo é levado para dentro de campo, onde, o racismo aparece através da violência simbólica. O chicote se transformou em gestos e palavras.

Ademais, o racismo no futebol não é apenas simbólico, assim como Bourdieu explica que o *habitus* molda o indivíduo e toda a estrutura de uma sociedade, o

racismo aparece de forma estrutural. Aqui entramos com outro conceito, abordado por Silvio Almeida, o conceito de racismo estrutural. Para o presente autor:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (Almeida, 2019, p. 18).

Silvio Almeida (2019), destaca que o termo “raça” nada mais é que uma construção histórica, foi criada para justificar as hierarquias de poder presentes na sociedade. A partir desse processo, se formou um sistema no qual as pessoas negras foram continuamente colocadas em posições de inferioridade, marginalização e desumanização. Para o autor, esse tipo de sistema não aparece de forma isolada nos indivíduos, mas sim, dentro das estruturas que fazem a organização da sociedade.

Para o presente autor:

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (Almeida, 2019, p. 33).

O racismo para Almeida (2019) é estrutural. O racismo não é uma anormalidade, pelo contrário, ele faz parte da sociedade, mas não como algo que devemos achar normal, o racismo existe justamente para manter o negro em uma posição de inferioridade, assim, mantendo as relações de poder já existentes. A sociedade naturaliza a violência contra as pessoas negras, mas não apenas isso, também naturaliza a falta de representatividade dos negros em espaço de poder.

Assim como complementam Silva e Paula Silva (2020, p. 10):

Existe um alto número de jogadores negros, que mesmo depois de construírem uma carreira de expressão no esporte sofrem com o preconceito, vindo de cânticos de torcida ou ações de instituições e outros jogadores. Embora o racismo não apareça de forma evidente, já que nenhuma empresa declararia não aceitar negros em seus quadros para cargos de comando, podemos contar nos dedos o número de negros que estão nesses dentro das federações como gerentes, diretores e presidentes de clubes. Mas também dentro das quatro linhas do campo do futebol não vemos técnicos, árbitros e demais profissionais como médicos, fisioterapeutas e psicólogos atuando. O resultado disso é a quase invisibilidade do negro nos lugares de comando no futebol.

A citação acima mostra como a sociedade brasileira dificulta a entrada de pessoas negras em cargos importantes. Assim como destaca DaMatta (2006), o negro começou a ser mais valorizado no futebol devido ao seu físico. Contudo, o negro no futebol, é visto apenas como uma pessoa que tem um físico adequado para o esporte, sua inteligência, liderança, dentre outros aspectos para ocupar cargos de alta importância no esporte é desvalorizada.

A partir das contribuições dos presentes autores, foi possível compreender como o futebol, enquanto espaço dramatizado e ritualizado, pode se transformar espaço de reprodução de uma hierarquia racial. Ademais, a violência simbólica, o *habitus* e o racismo estrutural sustentam esses atos discriminatórios no esporte. Dessa forma, o racismo no futebol brasileiro opera de maneira sutil, naturalizada e estrutural.

### **3. CASOS DE RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO**

Depois de uma breve história sobre a chegada do futebol em território nacional e de como o racismo se manifesta nesse esporte, nesta sessão será apresentado uma análise sobre esses casos de racismo. A presente análise será feita através dos resultados apresentados pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol (ODRF).

O ODRF que foi idealizado em 2014 por Marcelo Carvalho, tem como objetivo monitorar os casos de racismo ocorridos não só no futebol brasileiro, mas também em outros esportes e países distintos. Ao todo, entre 2015 e 2024, foram lançados 10 relatórios, intitulados Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, apresentando os dados da temporada anterior ao ano de seu lançamento.

De acordo com o Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol (2015), mostrando os dados da temporada de 2014, que foi lançado de forma independente, junto com o relatório adicional lançado em 2022 que traz alguns ajustes nos relatórios anteriores, foram 25 casos de racismo ocorridos na temporada de 2014. Dito isso, os próximos números aqui apresentados, já serão com o reajuste do relatório de 2022.

Um dos casos mais emblemáticos dessa temporada foi o caso de racismo ocorrido com o goleiro Aranha, que jogava pelo Santos. Durante uma partida entre Grêmio e Santos, torcedores do Grêmio chamam o jogador de macaco. De acordo com Luiza Carneiro (2014), do portal e notícias G1, o clube foi eliminado

automaticamente da disputa pela Copa do Brasil na presente temporada e a torcedora, assim como mostra a figura abaixo, jugada pelo caso.

**Figura 3:** Torcedora do Grêmio chama goleiro Aranha de macaco



Fonte: Relatório Anual da Discriminação no Futebol (2015)

De acordo com o Relatório Anual da Discriminação no Futebol (2016, 2017), na temporada de 2015 houve um crescimento nos casos de racismo, totalizando 36 ao todo. Já na temporada de 2016, houve uma queda para 26 ocorrências.

Mesmo após essa queda na temporada de 2016, de acordo com o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2018, 2019, 2020), ocorreu um aumento significativo nos casos de racismo. Na temporada de 2017 o número aumentou para 43, na temporada de 2018 para 47 e na temporada de 2019 houve um grande crescimento nos casos de racismo, totalizando 70.

Em 2019, esse número teve uma queda em virtude da COVID-19<sup>7</sup>, no qual foram cancelados vários jogos e ou realizados sem a presença de torcidas. De acordo com o Relatório Anual da Discriminação Racial (2021), na temporada de 2020 ocorreram 31 casos de racismo.

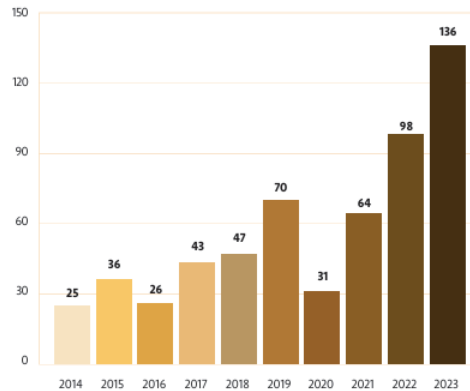
Após a pandemia, as ocorrências aumentaram novamente. Na temporada de 2021 foram 64, na de 2022 foram 98 e na temporada de 2023 foram 136, assim como destaca o Relatório Anual da Discriminação Racial (2022, 2023, 2024). Os casos

---

<sup>7</sup> Para mais informações, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025), o surgimento da doença do coronavírus (COVID-19), ocorreu no final de dezembro de 2019. É uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. O vírus causa problemas respiratórios, prejudicando principalmente as pessoas idosas, os principais sintomas são: febre, calafrios e dor de garganta. O mesmo é transmitido pela boca ou nariz após tossir, falar ou espirrar. Ao todo, desde dezembro de 2019, foram quase 780 milhões de casos detectados e mais de 7,1 milhões de mortes devido ao vírus.

apresentados nos presentes relatórios ocorreram nos estádios, internet e outros espaços. Abaixo, um gráfico mostrando todo o percurso.

**Figura 4:** Casos de racismo no futebol brasileiro (estádios, internet e outros espaços)



**Fonte:** Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2024)

Ao todo, entre 2014 e 2023, foram 576 casos de racismo detectados pelo ODRF no futebol brasileiro. Os relatórios também apresentam outras informações importantes como as localidades onde ocorreram o maior percentual de ocorrências. Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais foram as regiões com o maior número de incidentes, assim como mostra a imagem abaixo.

**Figura 5:** Regiões com maiores ocorrências de racismo no futebol brasileiro

|           | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | TOTAL |
|-----------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| <b>RS</b> | 6    | 9    | 2    | 10   | 1    | 17   | 4    | 5    | 15   | 20   | 89    |
| <b>SP</b> | 3    | 3    | 5    | 2    | 4    | 5    | 2    | 1    | 14   | 18   | 57    |
| <b>MG</b> | 2    | 3    | 1    | 1    | 1    | 1    | 2    | 6    | 7    | 10   | 34    |

**Fonte:** Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2024).

Ademais, Segundo Silva *et al.* (2024), em sua pesquisa que examina a representatividade de jogadores, treinadores e auxiliares técnicos, nas séries A e B dos campeonatos de futebol brasileiro em 2024, mesmo a maioria dos jogadores sendo negros, houve uma grande falta de pessoas negras ocupando cargos de técnicos no esporte. Assim como mostra a imagem abaixo.

**Figura 6:** Identificação étnico-racial dos treinadores das séries A e B dos campeonatos brasileiros de 2024

| TREINADOR       | N         | %             |
|-----------------|-----------|---------------|
| Branco          | 33        | 82,5%         |
| Amarelo         | 0         | 0,0%          |
| Indígena        | 0         | 0,0%          |
| Preto           | 0         | 0,0%          |
| Pardo           | 3         | 7,5%          |
| "Pretos/Pardos" | 2         | 5,0%          |
| Inconclusivos   | 2         | 5,0%          |
| <b>Total</b>    | <b>40</b> | <b>100,0%</b> |

Fonte: Silva *et al.* (2024)

Segundo a pesquisa acima citada, na série A e B dos campeonatos brasileiros de 2024, dentre os 40 treinadores das equipes, 82% foram heteroidentificados como brancos e apenas 12,5 como negros.

Dessa forma, os dados monitorados pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol (ODRF) e pela pesquisa de Silva *et al.* (2024) nos mostram uma triste realidade do futebol brasileiro, por um lado, vemos o crescimento exponencial dos casos de racismo, por outro, a grande dificuldade que impede a ascensão de profissionais negros a elite do comando no futebol.

## CONCLUSÃO

Portanto, como conclusão, o presente trabalho teve como objetivo analisar sociologicamente o racismo no futebol brasileiro. Ao decorrer da pesquisa, foi demonstrado como o futebol, um esporte reconhecido e amado mundialmente, que faz parte da cultura do Brasil, além de ser reconhecido como um esporte associado à ideia de democracia, também se torna um espaço de reprodução de um racismo que se instaurou no esporte através da construção histórica do esporte e do próprio país.

As contribuições de Magalhães (2010), nos mostram como o racismo no futebol brasileiro acontece principalmente devido a construção histórica do país vinculada a escravidão. Quando analisamos a história do futebol, não só nacional, mas desde sua criação, evidenciamos que o esporte tem sua criação e desenvolvimento baseado na apropriação e nos ideais da elite branca sobre o esporte. O futebol que nasceu a partir da classe operária da Inglaterra, se tornou depois um esporte de exclusão social. Em

sua chegada no Brasil, o futebol inicialmente fazia parte apenas da elite branca. Contudo, mesmo após o processo de democratização do mesmo, com a entrada de pessoas negras ao esporte, casos de racismo continuaram a acontecer.

A partir da fundamentação teórica utilizada, com a utilização dos autores Pierre Lúvia Gonsalves (2010), Bourdieu (1989, 2009), Sílvio Almeida (2019) e DaMatta (1982), foi possível compreender como o racismo no futebol se manifesta de maneira sutil, naturalizada e estrutural, além do esporte ser compreendido como um espaço de dramatização da sociedade brasileira.

Os insultos raciais, os gestos discriminatórios e as tentativas de justificar esses atos criminosos como “brincadeiras” ou rivalidade esportiva revelam como o *habitus* racista incorporado historicamente nas pessoas encontra no futebol um espaço legítimo para praticar o racismo.

Ademais, os dados analisados a partir dos Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol, produzidos pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, reforçam a existência dos casos de racismo ao evidenciarem um grande crescimento dos casos de racismo entre 2014 e 2023. Além disso, a baixa representatividade de pessoas negras em cargos de comando no futebol brasileiro, como treinadores, confirma o caráter estrutural do racismo, que limita o acesso do negro a cargos de liderança mesmo em um espaço onde sua presença como atleta é muito grande.

Dessa forma, conclui-se que o racismo no futebol é um reflexo direto das desigualdades raciais que estruturam a sociedade brasileira desde o período da escravidão. O futebol, enquanto fenômeno social e cultural, reproduz as mesmas hierarquias, exclusões e violências presentes fora das quatro linhas, tornando-se um espelho das relações sociais do país.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF: Presidência da República, 6 jan. 1989. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716compilado.htm). Acesso em: 15 out. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **Dois anos sem Pelé, o Rei do Futebol. Seleção Masculina**. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/detalhes/selecao-masculina/2-anos-sem-pele-o-rei-do-futebol>. Acesso em: 14 jan. 2026.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Vasco celebra seu 127º aniversário**: gigante carioca é um dos orgulhos do futebol brasileiro. Rio de Janeiro, 21 ago. 2025. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/copa-brasil/sub20/vasco-celebra-seu-127-aniversario>. Acesso em: 15 jan. 2026.

DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. 124 p.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ESPN. Vinícius Jr. é chamado de “chimpanzé” por torcedores do Atlético de Madrid antes de jogo da Champions. ESPN.com.br: futebol. 13 mar. 2024. Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/\\_/id/13371141/vinicius-jr-chamado-chimpanze-torcedores-atletico-de-madrid-antes-jogo-champions](https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/_/id/13371141/vinicius-jr-chamado-chimpanze-torcedores-atletico-de-madrid-antes-jogo-champions). Acesso em: 9 nov. 2025.

G1. **Patrícia Moreira quebra silêncio e dá entrevista sobre caso de racismo**. G1, 05 set. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/09/patricia-moreira-quebra-silencio-e-da-entrevista-sobre-caso-de-racismo.html>. Acesso em: 06 dez. 2025.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. 192 p.

NIELSEN. **O futuro do esporte**: O relatório 2025 da Nielsen revela os fatores de crescimento. Nielsen, junho 2025. Disponível em: <https://www.nielsen.com/pt/news-center/2025/the-future-of-sport-nielsens-2025-report-reveals-growth-drivers>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol brasileiro 2015**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, ago. 2016. 55 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2015.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol brasileiro 2016**. Porto Alegre: Escola de Educação

Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, nov. 2017. 52 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2015.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2017**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2018. 76 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2018**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2019. 124 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2020**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2021. 125 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol**. Porto Alegre: Editora Ludopédio, mar. 2022. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2021**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, ago. 2022. 181 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2022**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, mai. 2023. 280 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2023**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, out. 2024. 224 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório da Discriminação Racial no Futebol 2014**. mar. 2015. 18 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2019**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2020. 175 p. Disponível em: <http://www.observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2025. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Doença por coronavírus (COVID-19)**. 27 nov. 2025. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/coronavirus-disease-\(covid-19\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/coronavirus-disease-(covid-19)). Acesso em: 15 jan. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Doença por coronavírus (COVID-19)**. 27 nov. 2025. Disponível em: [<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/coronavirus-disease-\(covid-19\)>](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/coronavirus-disease-(covid-19)). Acesso em: 16 jan. 2026.

RYDLEWSKI, Carlos. **No Brasil, 65% gostam “mais ou menos / pouco / nada” de futebol.** Metrôpoles, [s. l.], 6 jun. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/no-brasil-65-gostam-mais-ou-menos-pouco-ou-nada-de-futebol> . Acesso em: 30 set. 2025.

SILVA, D. V. A. **et al.** A sub-representatividade dos treinadores negros no futebol brasileiro: heteroidentificação dos jogadores, treinadores e auxiliares técnicos das Séries A e B dos Campeonatos Brasileiros Masculinos de 2024. São Paulo, 2024. Relatório de Pesquisa.

SILVA, Fábio Henrique Alves da; PAULA, Paula Ângela de Figueiredo e. **Os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 40, p. 1-12, 2020.

SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA. **Democracia Corinthians:** o movimento que ajudou a construir o Brasil democrático. Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/noticias/democracia-corinthians-o-movimento-que-ajudou-a-construir-o-brasil-democratico>. Acesso em: 15 jan. 2026.

UOL. **Roberto Carlos abandona jogo depois de torcedor atirar banana em campo.** UOL Esporte – Futebol. 22 jun. 2011. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2011/06/22/roberto-carlos-abandona-jogo-depois-de-torcedor-atirar-banana-em-campo.htm>. Acesso em: 9 nov. 2025.